

DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E A PRÁTICA NO ENSINO SUPERIOR: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Marcela Moura Torres Paim

marcelamtpaim@yahoo.com.br

mmtpaim@ufba.br

Doutora em Linguística, Professora Adjunto da Universidade Federal da Bahia, com atuação no Instituto de Letras, no Departamento de Letras Vernáculas.

Apresentação

Este relato de experiência apresenta uma reflexão sobre a diversidade linguística relacionada à prática no ensino superior documentada no primeiro semestre do curso de Letras Vernáculas, turma 2011.2, da Universidade Federal da Bahia. Dessa forma, este trabalho discorre sobre a importância de se discutir a temática da variação linguística, a partir da exposição inicial dos pressupostos básicos desse conteúdo programático presente na disciplina LET A13- Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa. Tendo em vista esse direcionamento, este relato apresentará uma possibilidade sobre como fazer a transposição didática desse conteúdo para sala de aula, a partir da atividade realizada no ensino superior, com o gênero textual histórias em quadrinhos, bastante representativo de instância social de uso da língua. Assim, o relato da experiência envolve a exposição do conceito de língua, variação e variantes além de apresentar um exemplo de estímulo à criatividade e à imaginação dos estudantes que querem entender a diversidade linguística numa perspectiva de leitura e produção de textos.

O Curso de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia

O Curso de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia (UFBA) tem a duração de quatro anos e funciona no turno diurno e noturno. O curso tem por finalidade formar profissionais aptos a atuarem como docentes no ensino fundamental e médio, na produção e difusão do conhecimento enquanto professores, pesquisadores, críticos literários e revisores de textos, capazes de lidar, de forma crítica, com a língua e as linguagens, utilizando-as em suas modalidades oral e escrita, refletindo teoricamente, sobre temas e questões relativas aos conhecimentos linguísticos e literários, além de desenvolver estudos científicos, com vistas à produção e à divulgação de conhecimentos, propiciando a continuidade de sua formação em língua materna e respectiva literatura.

Nesse relato, focalizaremos um trabalho realizado com a turma do semestre 2011.2, constituída por 35 calouros, do turno diurno. Nessa turma, a disciplina LET A13 foi ministrada, às segundas-feiras e quartas-feiras das 09:00h às 11:00h. Essa disciplina teve como objetivos: identificar as variedades linguísticas do português nos diferentes níveis de estudo da língua; distinguir o que caracteriza a modalidade oral e a escrita; apresentar as noções de língua, linguagem, dialeto, gramática e reconhecer os tipos de frases e as estruturas sintáticas básicas do português.

No que se refere à metodologia, a disciplina foi desenvolvida através de aulas teóricas e seminários. Em relação ao conteúdo programático, na unidade I, foi trabalhada a temática da diversidade linguística do português através dos seguintes pontos: o português no tempo e no espaço; as variedades do português; as variedades do português do Brasil; a modalidade oral e a modalidade escrita em diferentes registros; noções de Sociolinguística e Dialetologia aplicadas ao estudo do vernáculo. Na unidade II, o foco foi o estudo científico da língua portuguesa, sendo evidenciados os seguintes aspectos: conceitos básicos de língua, linguagem, sistema, norma, fala, gramática; estudo normativo e descritivo da língua portuguesa e a noção de "erro"; preconceito linguístico; níveis de análise da língua; fonética/fonologia; morfologia; sintaxe; semântica; tipos de frase e estruturas sintáticas básicas do português. Para avaliação, foram feitas atividades como aferições escritas, produção de histórias em quadrinhos e seminários.

Os estudantes dessa disciplina mostraram-se bastante participativos; motivados não apenas a aperfeiçoar o uso que fazem da língua portuguesa, mas, sobretudo, a discutir questões relativas ao desenvolvimento de conhecimentos básicos sobre o estudo da língua portuguesa para futura atuação em sala de aula.

Fundamentação teórica

Conforme assinala Marcuschi (2003), a língua é um fenômeno heterogêneo, variável, que está situado em contextos concretos tais como o texto e o discurso. O conhecimento consciente de uma língua (por quem dela queira ser mais do que utilizador) implica o reconhecimento dessa dinâmica diversificante que torna qualquer língua resistente à normalização. De fato, as variantes alvo de normatização são, como as não normativas, eventualmente passageiras, mudando ao longo do tempo o modo como os falantes encaram os mesmos fatos linguísticos.

A primeira questão que se coloca ao estudar as variedades linguísticas é a de fixar o próprio conceito de variedade. Para Hudson (1981), uma variedade linguística é uma manifestação de um fenômeno chamado linguagem que se define como um conjunto de elementos linguísticos de similar distribuição social. Dentro desta definição, fica incluída a língua de um falante ou de uma comunidade de fala, os dialetos e qualquer outra manifestação linguística na qual se possa observar um determinado uso ou valor social.

Diferentemente de Hudson (1981), Ferguson (1971) propôs uma definição de variedade com um caráter mais concreto. Para este, uma variedade é um conjunto de padrões linguísticos suficientemente homogêneo para ser analisado mediante técnicas linguísticas de descrição sincrônica; tal conjunto estaria formado por um repertório de elementos e poderia operar em todos os contextos de comunicação.

Sobre o conceito de variedade, Moreno Fernández (1998) comenta que muitos estudiosos trabalham com definições amplas e outros com definições mais restritas, mas que ele prefere visualizar as variedades como conjunto de elementos ou de padrões linguísticos associados a fatores externos, sejam contextos situacionais, sejam profissionais, sociais ou geográficos.

Nesse sentido, ao expor essas considerações sobre a língua e o fenômeno de variação, as perguntas que surgem de modo imediato, por parte dos alunos do primeiro semestre do Curso de Letras da Universidade da Federal da Bahia, são: Por quê? Como se originou? E as respostas para essas perguntas requerem auxílio de disciplinas como a Dialetologia ou a Sociolinguística porque é habitual que haja fatores extralinguísticos implicados na variação: fatores como a geografia (variação geográfica), a história (variação histórica), a social (variação social) ou a situação comunicativa, em seu sentido mais amplo (variação estilística). Todos esses fatores podem ser responsáveis ou explicar muitos casos de variação.

Diante desse quadro, é possível chegar à seguinte pergunta: o que é que se busca ao estudar a variação linguística? Primeiramente, pode-se dizer, como apresenta Moreno Fernández (1998), que a variação linguística objetiva explicar o uso alternante de certas formas da língua em condições linguísticas e extra-linguísticas determinadas: podem ser unidades de diferentes origens geolinguísticas que estiveram presentes em uma comunidade, de estilo mais ou menos formal, entre outras possibilidades. Ao mesmo tempo, busca-se identificar as possibilidades de uso (variantes) características dos diferentes grupos sociais: léxico de faixa etária, de profissão etc.

Assim, considerando a linguagem como atividade social, histórica e cognitiva, admite-se, como Marcuschi (2004), que ela seja passível de análise e observação. Dessa forma, entender é sempre entender no contexto de uma relação com o outro situado numa cultura e num tempo histórico e esta relação sempre se acha marcada por uma ação. Nessa perspectiva, não há uma relação direta entre linguagem e mundo e sim um trabalho social designando o mundo por um sistema simbólico cuja semântica vai se construindo situadamente.

Descrição da experiência

A partir das considerações feitas até agora, podemos perceber que a língua enquanto atividade social é utilizada por todos os seus falantes, em todos os momentos em que eles travam uma interação, seja através da modalidade oral ou da modalidade escrita. Como expõe Cardoso (2008), o fenômeno da multidialeção não pode ser atribuído à atual estratificação social e, portanto, ser tratado como um fenômeno específico do mundo moderno, típico da atualidade. É possível que hoje se tenha tornado mais evidente, motivado, pelo menos, por fatores como o maior trânsito que se verifica entre os diferentes segmentos da sociedade como também do deslocamento de massas rurais para grandes aglomerações urbanas.

Assim, o sentimento de convivência de muitos dialetos, de muitas formas de uso da língua, seja na sua diversidade espacial, seja na variedade de ocorrências distribuídas socialmente, perpassa pela história, estando vinculado à diversidade cultural tomada nos seus mais diferenciados aspectos. Diante dessas questões, podemos refletir sobre possibilidade de concepção do ensino levando-se em conta essa intrincada malha de variação de uso da língua portuguesa.

Tendo em vista esse direcionamento, fica evidente a importância de se fazer a transposição didática da diversidade linguística para sala de aula no ensino superior. No caso em questão, tal transposição foi realizada durante as aulas da disciplina Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa cujo programa prevê, basicamente, a análise de três grandes questões, a saber, a variação linguística, a fala e a escrita como práticas sociais – oralidade e letramento – e os níveis de análise linguística – Fonética e Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica.

Nesse sentido, na primeira unidade, discute-se o que é variação, como e por que ela está presente nas línguas naturais. O objetivo é levar os alunos a perceberem o *conflito* que costuma se estabelecer entre variação linguística e norma, o que

normalmente caracteriza as mais diversas sociedades, mesmo que sejam ágrafas. Assim, espera-se que o aluno entenda que a língua não se reduz à norma-padrão e que, para os estudos linguísticos, toda variedade é legítima e passível de ser investigada.

Em seguida, foca-se o *continuum* fala-escrita, a fim de levá-los a perceber as diferenças entre essas modalidades e seus usos utilitários. Trata-se, pois, de uma abordagem sociointeracionista, que investiga a fala e a escrita como práticas sociais contextualizadas.

Uma introdução à análise dos diferentes níveis da língua é apresentada na última parte do curso, com o intuito de tornar os estudantes aptos a categorizarem os diferentes níveis de investigação linguística, de modo a apontarem que aspecto da língua é estudado num dado trabalho: fonológico, morfológico, sintático e/ou semântico.

Dessa forma, a disciplina aqui descrita é de importância inquestionável por oferecer aos alunos uma noção geral de como a língua é estudada sob um enfoque científico, o que pode ser decisivo para a sua permanência no curso. Além disso, por tratar genericamente de questões a serem aprofundadas em outras disciplinas, LET A13 possibilita ao aluno, já no segundo semestre, fazer escolhas mais seguras quanto às disciplinas optativas.

Avaliação dos resultados

Nesse contexto, o gênero textual histórias em quadrinhos, bastante representativo de instância social de uso da língua, constituiu-se como uma possibilidade de fazer a transposição didática da diversidade linguística para sala de aula no ensino superior. A proposta de trabalhar com esse gênero textual foi fruto da reflexão sobre a grande função das histórias em quadrinhos no que diz respeito ao oferecimento de imagens que podem apresentar e representar as coisas e objetos de forma concreta, proporcionando condições para o desenvolvimento das discussões sobre variação linguística, envolvendo as atitudes e intervenções que ocorrem referente ao assunto “variação” e como isso repercute na aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes do curso de Letras.

Após a discussão sobre as concepções de língua, variação e variantes linguísticas, foi proposta uma atividade prática a turma, que consistia na produção de história em quadrinhos que retratassem a temática da heterogeneidade linguística

com o intuito de contribuir para a ampliação do horizonte sobre a existência destas variações, para o entendimento das aplicações e, conseqüentemente, para a descoberta de novas formas de utilizar as funções da língua dentro de cada uma de suas variações.

Assim, os estudantes poderiam se manifestar através das variações diatópica, diastrática e diafásica, em equipe, construindo uma situação de comunicação em forma de história em quadrinhos. Nas discussões em equipe, foi observada a análise crítica e reflexiva dos alunos em relação às discussões sobre a existência das variedades e a imposição de uma norma considerada padrão.

Cada equipe ficou encarregada de trabalhar com um tipo de variação linguística específico, mediante sorteio realizado em sala de aula. Durante o desenvolvimento da atividade, alguns esclarecimentos se fizeram necessários, pois muitos estudantes estavam preocupados por não terem habilidade para desenhar. Nesse caso, houve o estímulo à utilização de personagens de histórias já existentes, recriando suas falas, para retratar o tipo de variação a ser trabalhada. Além dessa inquietação, outro aspecto importante durante a atividade foi o despertar para o fato de que os tipos de variação linguística poderiam estar relacionados, pois, embora por questões didáticas, se apresentassem separadamente, na prática, esses diferentes tipos poderiam estar presentes dialogando, num mesmo gênero de texto.

Durante a elaboração das histórias em quadrinhos, os estudantes colocaram em prática os conceitos sociolinguísticos trabalhados, revendo e reavaliando muitas concepções sobre variação linguística, aprimorando o seu senso crítico no sentido de selecionar, monitorar, o que irá utilizar, conforme o contexto comunicativo, e de respeitar e dominar as variações linguísticas.

Após o término da produção das histórias em quadrinhos, cada grupo apresentou o material produzido para toda a turma. Durante as apresentações, os estudantes mostraram que saíram de uma postura passiva e assumiram a posição de aprendiz pesquisador, refletindo sobre a língua. Após as apresentações, houve a condução de um debate geral sobre as produções apresentadas, sempre tomando como referência os estudos feitos em relação a este assunto durante toda a disciplina, o que enriquecia bastante o trabalho com o tema.

Em relação aos procedimentos avaliativos, nessa atividade, no momento das apresentações das equipes, pontuavam-se a abordagem dos tipos de variação sorteados pelos grupos, pois era preciso que a história em quadrinhos estivesse adequada ao tema proposto, que tivesse coesão, coerência; clareza; sequência lógica

das ideias (introdução, desenvolvimento e conclusão) através de ideias articuladas a argumentos que comprovassem os posicionamentos críticos e reflexivos em relação aos fundamentos abordados.

Nesse sentido, ao desenvolver essa proposta prática de trabalho com os estudantes do primeiro semestre do curso de Letras, foi possível verificar o entendimento da concepção de língua como um fenômeno heterogêneo e o despertar para a consciência de que se deve retirar as palavras *certo, errado, correto, incorreto, feio, bonito* do repertório linguístico, e trocá-las por adequado ou inadequado, conforme o contexto comunicativo em que o falante esteja inserido. Tal proposta trouxe grande satisfação para os discentes e para a docente, uma vez que houve, não apenas um melhor entendimento sobre o tema trabalhado como também uma excelente interação entre os estudantes com o gênero história em quadrinhos.

Considerações finais

Enquanto professores de língua portuguesa, devemos mostrar que, se o aluno faz parte de uma comunidade linguística em que o fenômeno da variação linguística é uma constante, ele pode optar por se comportar linguisticamente de uma maneira informal na sua comunidade, nos contextos informais, se o seu objetivo for não se diferenciar do seu contexto; mas se a situação comunicativa for outra, dessa vez uma entrevista para uma oportunidade de emprego, o aluno deverá perceber que poderá procurar utilizar a norma mais próxima ao padrão da língua, pois a sociedade irá cobrar dele o aspecto mais formal da linguagem. Assim, através dessa mudança de postura, desse trabalho prático de conscientização junto ao alunado, percebemos que não há lugar para o preconceito linguístico.

Referências

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Sociedade pluridialetoal, variação e ensino da língua materna. In: MENDES, Edleise e CASTRO, Maria Lúcia Souza (Orgs.) *Saberes em português: ensino e formação docente*. Campinas: Pontes, 2008. p. 11-25.

FERGUSON, Charles. *Language structure and language use*. Stanford: Stanford University Press, 1971.

HUDSON, Richard. *La sociolingüística*. Barcelona: Anagrama, 1981.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de textualização*. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O léxico: lista, rede ou cognição social?. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de. (Orgs.) *Sentido e Significação*. São Paulo: Pontes, 2004. p.263-284.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

Anexo

Histórias em quadrinhos com enfoque na variação estilística e geográfica produzidas pelos estudantes de Letras – 1. semestre (UFBA)

